

O Militante**GES
PCP**

III Série

Nº 13

Lisboa, Julho de 1942

Boletim de Organização do P.C.P. (SPIC)

DEVEMOS ESTAR À ALTURA DAS NOSSAS RESPONSABILIDADES NA DIRECÇÃO DAS MASSAS

Não é exagêro afirmar que o movimento do proletariado português entra numa nova fase.

O aumento do custo da vida nêstes últimos meses agravou ainda mais a já de si miserável existência das massas trabalhadoras. Este facto trouxe, como não podia deixar de ser, o despertar das massas para uma nova fase nas suas relações com os dirigentes fascistas. Da situação de acalmia em que vivemos durante alguns anos, - em que as massas quâsi não davam sinal de vida, iludidas pelas promessas dos dirigentes fascistas, que esperavam pacificamente a solução dos seus problemas - passamos a assinalar nêstes últimos meses uma descrença cada vez maior das massas na organização corporativa, e, a verificar que, as mesmas começam a solucionar os seus problemas, não pelas formas que a organização corporativa lhes impôs, mas pela luta aberta contra ela.

São prova disto os movimentos espontâneos dêstes últimos meses: peixeiros de Lisboa contra os impostos camarários, estudantes contra o aumento das propinas, operários da Covilhã e pescadores de bacalhau pelo aumento dos salários, levantamentos diversos contra a saída de gêneros de certas terras, levantamentos e luta armada entre os exploradores de volfrâmeo e as autoridades, etc.

Êstes movimentos, conquanto tenham sido caracterizados por uma firme vontade de lutar das massas, só têm conseguido, nalguns casos, parte dos seus objectivos, e isto porque lhe tem faltado uma direcção capaz. Podemos dizê-lo, sem receio de errar, que em todos êles as massas se lançaram na luta, sem que tivessem constituído qualquer órgão dirigente, de forma que ao primeiro embate com os órgãos de repressão fascista êles sucumbiram. Assim succedeu por exemplo com os operários da Covilhã e pescadores de bacalhau; foram à luta cheios de entusiasmo, mas a repressão organizada do fascismo prendendo uns e aterrorizando outros, desnor-teou e desmoralizou-os, levando-os a ceder.

Mas o facto das massas terem cedido, em parte, não se deve à falta de vontade de levar por diante a luta, mas sim à falta de saber a forma como a conduzir. Por exemplo: na Covilhã os operários vão à greve, mas são logo dispersos à metralha; a policia efectua prisões em massa dos que ela julga orientadores do movimento; ameaça com a prisão e deportação a todos os que se recusam a retomar o trabalho. Perante esta situação as massas não sabem o que fazer para resistir ao inimigo; falta-lhes a direcção; e resolvem retomar o trabalho ao fim de alguns dias.

Por ocasião do embarque dos pescadores de bacalhau, na Nazaré e na Figueira dam-se as mesmas cenas perante a recusa da assinatura da matrícula por êtes pescadores, que se recusam a embarcar se os seus salários não fôrem aumentados; a policia ameaça, prende, dá tiros, e as massas acabam por ceder, mas contra a sua própria vontade, pois até as mulheres incitam os pescadores a não embarcar.

Em todos os outros levantamentos que têm surgido pelo país fóra se nota a mesma energia e vontade de luta das massas. Mas em todos se nota a mesma falta: **A DE UMA DIRECÇÃO CAPAZ QUE CONDUZA AS MASSAS.**

Aos comunistas compete esta direcção.

Se queremos ser como de facto afirmamos que somos, a vanguarda do proletariado português, temos que conquistar a direcção dessas lutas. Não basta aconselharmos na nossa imprensa às massas que devem lutar pelo aumento dos salários, contra os fornecimentos ao Eixo, etc. Precisamos também dirigi-las nêssas lutas.

Infelizmente até à dacta ainda o não conseguimos inteiramente; não temos passado de simples agitadores. Na maioria dêstes movimentos temos sido surpreendidos; temos sido ultrapassados pelas próprias massas; em lugar de

vanguarda temos sido retaguarda.

Ora, para a condução destas lutas são indispensáveis pelo menos duas coisas. Primeiro o contacto estreito com as massas, de forma que possamos dar conta de todas as suas aspirações e do seu estado de espírito, o que só conseguiremos se a nossa acção convergir para onde elas se encontram: sindicatos, casas do povo, clubes, etc. Segundo, estudar os nossos mestres para compreendermos o movimento revolucionário nacional e conhecermos a experiência do movimento internacional, o que só será possível obter através um estudo atento de toda a literatura editada pelo Partido. Devemos ter em conta os ensinamentos de todos os movimentos revolucionários anteriores, não só nos seus sucessos como insucessos, pois só assim poderemos estar à altura de dirigir e orientar os movimentos massivos.

Nos movimentos a que atrás aludimos, as massas na sua quasi totalidade foram à luta sem uma direcção capaz, o que as impediu de conseguir o que almejavam e elevar a luta a um grau superior: o político. É pois no estudo das nossas fraquezas que nós poderemos evitar que estas faltas não se voltem a cometer.

Que conclusões devemos tirar então desta experiência? Que os trabalhadores antes de se lançarem no movimento devem constituir os órgãos de direcção do próprio movimento (e se o não fizermos antes, devemos fazê-lo sem demora ao lançarmo-nos na luta) pois só assim poderemos estar à altura de nos defendermos dum inimigo organizado. Devemos constituir comités ou comissões legais e ilegais para a direcção do movimento -os segundos destinam-se a substituir os primeiros no caso destes serem presos. Na escolha destes comités devem participar a maioria dos trabalhadores que vão à luta, devendo o comité legal ser constituído com o conhecimento do maior número possível de trabalhadores e merecendo a sua confiança, ao passo que o comité ilegal deverá ser só conhecido pelos elementos de maior confiança e em número muito restricto. Em qualquer dos locais onde se deram os movimentos que analizamos a constituição destes organismos era possível, dependia apenas de iniciativa. Tanto num local como noutro as massas retomaram o trabalho insatisfeitas, desejosas de continuar a luta, e só o não fizeram por não saber como a deveriam conduzir. Por exemplo: na Covilhã a policia vai a casa buscar os operários ameaçando-os de prisão e deportação se não retomassem o trabalho. Perante esta ameaça os operários vão para o trabalho, forçados, sem saberem o que deverão opor a estas medidas da policia -como havia o desejo de continuar a luta, se houvesse uma direcção capaz, teria conduzido as massas para uma nova fase da luta, aconselhando-as a que continuassem a greve, de braços caídos em frente das máquinas.

Pelo que acabamos de expôr se pode concluir que a fase de passividade e receio existente nas massas durante os anos de governo fascista, começa a desaparecer, despontando um novo período de lutas.

Conquanto alguns destes movimentos tenham sido espontâneos, eles são cheios de vitalidade, a-pesar-da falta de preparação que se tem notado nos combatentes.

Se soubermos estar à altura das nossas responsabilidades, estes movimentos espontâneos em breve se transformarão num movimento de libertação do povo do jugo feroz do fascismo salazarista.

E o nosso Partido, como partido de vanguarda, deve saber estar à altura da sua missão: "Não basta intitular-se "vanguarda", destacamento avançado; é preciso também proceder de forma a que todos os outros destacamentos vejam e sejam obrigados a reconhecer que marchamos na cabeça do movimento". Lênine, "Que Fazer?".

-ooOoo-

A ORGANIZAÇÃO

Impõe-se uma maior regularidade no pagamento das cotizações por todos os filiados. O pagamento da cotização é uma das condições indispensáveis para se poder militar no Partido.

Todo o responsável deve exercer um contrôle rigoroso no cumprimento desta disposição partidária.

Participamos a todos os camaradas que as importâncias da venda da imprensa e cotizações não são publicadas no "Avante"; no "Avante" so se publicam os donativos dos amigos do Partido.

Tarefas Partidárias

(Continuação dos números 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12)

b) MOBILIZAÇÃO DAS MASSAS CAMPESESAS

SUA IMPORTÂNCIA: A força de ser repetida, a afirmação de que a classe camponesa nos países atrasados como o nosso é decisiva como força aliada ou inimiga do proletariado, parecerá já um lugar comum; no entanto, nunca será demais repeti-la. É a experiência do trabalho partidário que o aconselha.

Stáline diz-nos que "a questão camponesa, como questão do aliado do proletariado, é uma importância primordial para o proletariado", e que uma das características do leninismo é a importância e a atenção prestada por Lênine a este aliado decisivo do proletariado nos países atrasados, como o nosso. Num país, como Portugal, onde para uma população operária de aproximadamente 440.000 trabalhadores existia uma massa de assalariados agrícolas de 823.000 camponeses (segundo os dados do censo de 1970) a que deveremos juntar mais 120.000 camponesas assalariadas e uns 400.000 pequenos proprietários, justificar-se-á amplamente a atenção que ao Partido do proletariado deve merecer a questão camponesa.

A luta do proletariado contra a dominação fascista, a necessidade de se levar a cabo uma revolução democrática contra o governo despótico de Salazar, tornam palpitantes de actualidade as seguintes palavras de Lênine: "O proletariado deve levar a cabo a revolução democrática, atraíndo a si a massa dos camponeses, para esmagar pela força a resistência da autocracia e paralisar a instabilidade da burguesia", (Lênine, "Duas Táticas"). Tudo isto nos demonstra sobejamente a necessidade de encararmos seriamente em todo o Partido o trabalho camponês, de se proceder a uma viragem decidida de toda a organização para o trabalho camponês.

Quando falamos da classe camponesa nós temos de ter sempre em conta os seus distintos sectores, pois tanto economicamente como sob o ponto de vista político, a classe camponesa divide-se em vários sectores, junto dos quais temos de agir por formas políticas que se lhe adaptem, que correspondam ao seu sentir de classe.

O PROLETARIADO RURAL:

Encontramos primeiramente o proletariado rural, o camponês que só vive do salário que ganha no cultivo da terra alheia, sem terra própria e, muitas vezes, sem casa. A situação deste sector da classe camponesa é idêntico, sob o ponto de vista económico, ao do proletariado industrial, e por isso mesmo mais facilmente mobilizável por este. Politicamente, o proletariado rural está ainda muito atrasado, sofre a influência do camponês médio e do proprietário médio de quem depende economicamente, mas é quasi sempre um revoltado (sobretudo quando desempregado ou ganhando salários baixos), disposto a recorrer às formas de luta mais radicais para fazer valer os seus direitos de classe, basta muitas vezes uma pequena centelha da acção partidária para o lançar na luta decidida. As grandes concentrações do proletariado rural dão-se sobretudo nas regiões da grande propriedade rural, e particularmente no Alentejo. É sobretudo nos distritos de Beja (39.000 assalariados) e de Évora (31.000 assalariados) que as grandes concentrações do proletariado rural do Alentejo se encontram; concelhos havendo, como por exemplo os de Montemor-o-Novo e de Serpa onde o número de assalariados é de mais de 5.000. Devemos dizer que a situação política do proletariado rural do Alentejo se diferencia bastante do restante elemento camponês. O campesinato alentejano está muito radicalizado, sobretudo no distrito de Beja. A simpatia que o nosso Partido gosa entre o campesinato alentejano vai-se alargando dia a dia, pois o proletariado rural do Alentejo tem já uma consciência de classe bastante desenvolvida. O ódio que o camponês alentejano nutre pelo senhor rural, pelo grande agrário que o explora, é geral, o que facilita sobremaneira a sua organização para as lutas de classe, sob a bandeira do Partido Comunista.

A mobilização política imediata do proletariado rural, do camponês que só vive do seu salário, far-se-á pela luta pelo aumento dos salários, contra os despedimentos, pela distribuição obrigatória dum certo número de desempregados por cada grande proprietário e com salários mínimos fixados previamente, pela abertura de obras públicas que dêem trabalho a todos os desempregados, contra os guardas florestais e G.N.R. ao serviço dos grandes agr

rios, etc. Tanto na luta pelo aumento dos salários (grêves no momento das ceifas e das sementeiras) como nos movimentos contra o desemprego (manifestações massivas dos desempregados junto das administrações dos concelhos e governos civis) são facilmente organizáveis e susceptíveis de conduzir as massas a uma vitória positiva sobre os seus inimigos de classe, de consolidarem assim o prestígio do Partido junto das massas camponesas. No entanto a agitação a fazer pela materialização imediata destas reivindicações não deverá fazer com que os nossos camaradas destacados para a agitação entre as massas camponesas descurem o problema geral: ou seja a divisão da grande propriedade inculta, ou parcialmente inculta, a luta contra os fornecimentos ao Eixo, o derrubamento do salazarismo e a instauração dum governo popular.

O CAMPONÊS POBRE:

Por camponês pobre nós entendemos aquela parte da classe camponesa que embora possuindo uma pequena parcela de terra, essa parcela lhe não proporciona as condições mínimas que lhe possam garantir uma vida independente, e que por esse motivo, tem de recorrer ao trabalho como assalariado. Este sector da classe camponesa predomina sobretudo naquelas regiões do país onde a propriedade rural se encontra, ou relativamente concentrada, ou onde a densidade da população é maior. É sobretudo nos distritos de Viseu, Santarém (parte norte do distrito), Braga, Porto e Coimbra onde este sector predomina.

O camponês pobre encontra-se hoje perante este dilema: ou vai trabalhar como assalariado, ganhando salários de fome (excepto nalgumas regiões e nestes últimos meses), sujeitando-se ao desemprego periódico; ou arrenda terras trabalhando à tarefa para benefício do senhorio.

O agravamento das contribuições ao Estado e alcavalas camarárias, a política favorável ao grande capital agrário dos grêmios e federações do fascismo, têm aniquilado economicamente largos contingentes deste sector da classe camponesa, que se têm proletarizado.

A abordagem deste sector do campesinato, fortemente influenciado, sob o ponto de vista político, pelo médio camponês e pela burguesia rural, consiste na agitação em volta da sua situação económica comparada com a dos grandes proprietários, na luta contra a legislação fascista que lhe dificulta o crédito e lhe exige nas Caixas de Crédito Agrícola e na C.G.D. uma série infundável de formalidades que lhe rouba tempo e dinheiro; a protecção dispensada aos senhorios em prejuízo dos inquilinos da terra (ao fim dum certo número de anuidades as propriedades deveriam ficar na posse livre dos foreiros e rendeiros); as cotas a pagar aos grêmios que só servem para lhes agravar as já de si bem duras condições de vida e complicar a venda dos seus produtos e compra dos artigos necessários para o seu cultivo (falar do caso do sulfato de cobre, da falta de batata para semente, etc); a existencia das federações que com os seus descontos e percentagens absorvem uma parte importante dos magros lucros do pequeno camponês e lhe dificultam a venda dos seus produtos; a requisição feita pelas autoridades fascistas do milho e do azeite que tem para seu consumo em casa, e que depois são enviados para a Alemanha; o racionamento dos géneros, motivado pelos fornecimentos ao Eixo; a necessidade de se exigir a divisão das grandes propriedades incultas pelos camponeses pobres; a luta contra os guardas florestais dos grandes agrários e contra a G.N.R. e as prepotências das autoridades locais, etc, etc.

É um erro, salvo raras excepções, abordarem-se os camponeses, sobretudo estes de que estamos falando, combatendo os seus sentimentos mais ou menos religiosos, ou falando-lhes da colectivização da propriedade levada a cabo na URSS (o que eles de início não poderão compreender), ou quaisquer outras formas de agitação para eles incompreensíveis ou antipáticas. A abordagem da classe camponesa terá de fazer-se sobretudo à base da mobilização para a acção imediata pelas reivindicações parciais.

O CAMPONÊS MÉDIO:

O camponês médio é a pequena burguesia rural. É aquela parte do campesinato que não trabalha como assalariado por conta de outrem, cujo trabalho nas terras que possui lhe basta para garantir as suas condições de vida, e que, por vezes, emprega um ou outro assalariado nos momentos de grande faina agrícola. Embora não tendo uma zona bem característica, pois se espalha por todo o país, encontramos no entanto as maiores concentrações do camponês médio nos distritos de Aveiro, Viseu, Leiria, Braga e Viana do Castelo, isto é, nos distritos da pequena propriedade.

Politicamente o camponês médio sofre a influência do grande agrário e do clero; quando, menos frequentemente, não sofre a influência da pequena burguesia das vilas mais ou menos radicalizada. A influência religiosa neste sec-

tor é tão importante, que o semanário católico a "Voz de Fátima" distribue no distrito de Braga 78.000 exemplares e no Porto 51.000, ao passo que em Beja só distribue 3.000. No entanto a política favorável ao grande capital agrário, do fascismo, é impopular para grande parte deste sector (embora alguns dos seus elementos se encontrem nas direcções das casas do povo, nas regedorias, nas juntas de freguesia, etc.). São sobretudo os grêmios e federações com todo o seu burocratismo estéril, descontos, quotas, etc, que se lhes tornam profundamente odiosos. Também o facto de muitos dos elementos do campesinato médio terem sido votados ao ostracismo político pelo fascismo (privação do voto, exclusão das juntas de freguesia e das regedorias, etc.) é susceptível de mobilizar a este sector contra o fascismo. Mas é sobretudo o agravamento espantoso da tributação e o descontentamento provocado por ela, que deverá ser canalizado por nós em movimento organizado contra o fascismo. As recentes requisições dos produtos agrícolas, nomeadamente do milho e do azeite, bem assim como o racionamento arbitrário dos géneros, também são de molde a permitir uma mobilização política deste sector camponês. Para muitos elementos do campesinato médio em contacto com a pequena burguesia comercial das vilas, a simpatia pela Inglaterra e o ódio pela Alemanha estão profundamente arreigados, é preciso nós sabermos transformar esse sentimento em luta decidida contra o auxílio do fascismo português ao Eixo e pela vitória das potências unidas que combatem Hitler e a sua quadrilha.

A ABORDAGEM POLÍTICA E A ORGANIZAÇÃO DO CAMPESINATO

A abordagem política do sector camponês tem, como já vimos, de saber ser dirigida a cada um dos sectores, conforme a sua situação económica e o seu grau de radicalização política. Convém que os elementos operários que forem encarregados do trabalho camponês estudem atentamente as condições locais, os motivos de descontentamento de cada sector, as reivindicações do campesinato local, e que procurem integrar esses descontentamentos e essas reivindicações dentro da linha geral do Partido. É preciso sabermos falar aos camponeses na sua linguagem simples e precisa. Colocar-lhes os nossos pontos de vista por forma incisiva e chocante, de forma a poderem ser facilmente assimiláveis. Falar-lhes dos seus interesses imediatos, da forma dos resolvermos a seu contento pela luta organizada; da necessidade de se organizarem imediatamente para poderem lutar por eles; da comunhão de interesses que existe entre todos os trabalhadores, operários e camponeses, de todos os homens que ganham o seu pão com o suor do seu rosto; como os operários são os irmãos de classe dos camponeses e como os seus inimigos são comuns. Lembrar-nos a cada momento que não estamos numa fábrica, mas sim no campo, que a capacidade política não é a mesma nem perfeitamente idênticos os interesses.

Sob o ponto de vista organizativo, não devemos logo de início pretender enquadrar o espírito mais ou menos anárquico e indisciplinado do camponês em formas rígidas de organização. Mas leva-lo pouco e pouco a passar insensivelmente das formas mais simples para as formas mais completas; mostrar-lhes pela prática diária da necessidade dessa organização e do cumprimento disciplinar das suas resoluções (estabelecer o paralelo entre o Partido e um exército que marcha de assalto a uma posição inimiga). O trabalho de muitos dos nossos militantes no sector camponês tem falhado exactamente por terem querido imprimir-lhe logo de início características rígidas (reunião, organização e disciplina) formas essas que iam de encontro à tradicional indisciplinada e falta de espírito coletivo da grande maioria dos camponeses. A facilidade maior que os nossos militantes têm encontrado no trabalho político junto do proletariado rural do Alentejo deve-se ao facto desse sector tão importante sob o ponto de vista político do nosso campesinato ter já uma experiência maior de lutas com o patronato, e, portanto, maior consciência de classe e da necessidade da sua organização.

Se em todo o trabalho político do nosso Partido nós devemos exigir grande capacidade de adaptação dos nossos camaradas a cada situação, em nenhuma como no trabalho camponês nós devemos exigir essa maleabilidade, esse tacto político necessário para nos poder levar à vitória neste sector decisivo.

AS CASAS DO POVO

Em Dezembro de 1940 o número de casas do povo existentes em todo o país era de 303, com 132.600 sócios. Este número de sócios justifica amplamente a importância que para nós comunistas deverá ter o trabalho político dentro das casas do povo. Segundo o Decreto-lei Nº 23.051 que criou as casas do povo, estas tem por fim "assegurar aos sócios protecção e auxílios nos casos de doença, desemprego, incapacidade e velhice"; "ensinar aos adultos e

às crianças", praticar desportos, organizar diversões e cinema educativo; "cooperar nas obras de utilidade comum, comunicações, serviço de águas, higiene pública, etc". Basta inteirar-nos desta finalidade teórica e legal das casas do povo, para verificarmos que dentro delas os nossos militantes poderão fazer muito trabalho legal, agarrando-se aos seus próprios estatutos. Quer levantando o problema do desemprego na localidade e sugerindo a assinatura dum contrato colectivo de trabalho, onde os interesses dos trabalhadores sejam respeitados e onde se garanta o emprego obrigatório dum certo número de desempregados por cada grande agrário; quer sugerindo o auxílio médico e farmacêutico a determinadas famílias camponesas na miséria; quer organizando bibliotecas e aulas dentro da casa do povo; quer organizando um grupo desportivo ou recreativo; quer propondo que se diligencie junto das autoridades para que seja concedida a verba necessária para a realização de determinada obra de interesse público (estrada, escola, chafariz ou qualquer outra obra), etc. Os nossos militantes encontram muitas formas de conquistarem a simpatia da massa associada nestes organismos fascistas, de exercerem sobre ela uma influência política através a simpatia conquistada legalmente dentro da casa do povo. Não devemos estabelecer o princípio seqüencial de que só depois de conquistada a direcção da casa do povo, nós poderemos aí começar a fazer trabalho político; não, antes pelo contrário, nós deveremos conquistar a direcção pela simpatia que soubermos criar, pelo nosso trabalho e iniciativa dentro desse organismo, pela maleabilidade política que revelarmos nas nossas relações com os elementos da direcção e com os grandes agrários locais.

As maiores concentrações das casas do povo dão-se nos distritos de Beja, com 39 casas do povo e 19.800 sócios; em Portalegre com 28 casas e 16.800 sócios; em Santarém com 14.000 sócios, em Faro com 11.600, etc.

Isto quer dizer que nestes sectores o trabalho político dos nossos camaradas se deverá orientar de preferência para as casas do povo e para a mobilização política da sua massa associativa.

---00000---

O PARTIDO E AS MASSAS

"Na massa popular, nós não somos senão uma gota de água e não podemos dirigir senão quando nós exprimimos exactamente aquilo de que o povo tem consciência. Sem isso, o partido comunista não conduzirá o proletariado, e o proletariado não conduzirá as massas atrás de si: toda a máquina ruirá!"
Lénine, II Congresso do P.C. (B) da URSS.

"O Partido dos proletários, como grupo combativo de dirigentes, tem que ser, em primeiro lugar, muito menos numeroso, pela quantidade dos seus membros, que a classe operária; e, em segundo lugar, tem que encontrar-se num nível mais elevado que a classe proletária, pela sua consciência e pela sua experiência; e, em terceiro lugar, deve constituir em si uma organização unida".

Stáline, "A classe dos proletários e o Partido dos proletários".

"É necessário que o Partido saiba, no seu trabalho, ligar o espírito de princípio, o mais elevado (não confundi-lo com o sectarismo) com o máximo de ligações e de contactos com as massas (não confundi-lo com o seguidismo!), sem o qual é impossível ao Partido, não somente instruir as massas, mas também instruir-se a si mesmo junto delas; ser não somente ele a guiar as massas e a elevá-las até ao nível do Partido, mas também a prestar ouvido atento à voz das massas e adivinhar as suas necessidades urgentes".

Stáline, "As perspectivas do P.C.A. e da sua bolchevização", "Pravda", 3/2/1925.

"Esquecer a diferença que existe entre o destacamento de vanguarda e toda a massa que marcha após ele, esquecer o dever constante que tem o destacamento de vanguarda de clarar camadas cada vez mais vastas até ao seu próprio nível avançado, só significa enganar-se a si mesmo, fechar os olhos perante a imensidade das nossas tarefas e mesquinhar estas".

Lénine, "Um passo em frente, dois passos atrás".